

DOI: 10.5281/zenodo.6925668

A MISSÃO RELIGIOSA E A TRADUÇÃO DE UM MUNDO: RELATOS DE UM MISSIONÁRIO ANGLICANO NO CHACO PARAGUAIO

Rogério Mendonça Correia ¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo produzir uma análise discursiva sobre a experiência religiosa descrita por Wilfrid Barbrooke Grubb sobre suas experiências missionárias na região do Chaco paraguaio. O material que utilizaremos será a publicação do livro *Among The Indians of The Paraguayan Chaco*, de 1904. O método de análise será conduzido tomando alguns excertos e exemplos de expressões aplicadas no livro, escrito e publicado em língua inglesa, em processo de tradução para a língua portuguesa. As análises levarão em consideração aspectos discursivos, culturais, religiosos, cosmovisão do autor e os contrastes com a ideia da decolonialidade como engajamento prática nas áreas envolvidas. O resultado é a evidência de que precisamos promover outras traduções que discutam a tradução de um mundo nativo, explicitando os mundos que perpassam a linguagem presente na obra.

Palavras-chave: Tradução; lingua(gem); análise do discurso.

THE RELIGIOUS MISSION AND THE TRANSLATION OF A WORLD: ETHNOGRAPHIC INSERTIONS OF AN ANGLICAN MISSIONARY IN THE PARAGUAYAN CHACO

ABSTRACT: This article aims is undertaking a discursive analysis of the religious experience produced by Wilfrid Barbrooke Grubb about his own missionary experiences placed on the Paraguayan Chaco region. The material we are going to use is the book *Among The Indians of The Paraguayan Chaco* (1904). The method of analysis is based on taking some excerpts and samples of expressions from the book, written and published in English, taking turns with the Portuguese translation, which is still underway. The analysis will take under consideration discursive, cultural and religious aspects, the author's worldwide vision and contrast them with the decolonial idea as a practical engagement in the involved areas. The result is the evidence that we need to promote other translations that discuss the translation of a native world, making explicit the worlds that blend the language in which the the book is written.

Keywords: Translation; Language; Discursive Analysis.

Introdução

O presente artigo propõe uma análise discursiva sobre excertos dos escritos que resultaram da missão religiosa de Wilfrid Barbrook Grub, um missionário anglicano enviado à região do Chaco paraguaio com o propósito de evangelizar os indígenas que habitavam aquela

¹ Doutorando em Letras, Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre - UFAC (2019). Professor assistente, atua com ensino e pesquisa em Língua e Literatura de Língua Inglesa. E-mail: rogerio.mendonca@ufac.br

região. Essas incursões estão descritas em três relatos que são partes, ora inovadoras, ora repetidas, dessa experiência publicadas em formato de “relatório de trabalho” para a Sociedade Missionária Sul-Americana (South American Missionary Society), braço estendido da missão anglicana britânica que promove missões evangelísticas em vários lugares do mundo.

Para as reflexões deste artigo utilizaremos especificamente excertos da publicação de Grubb na obra “Among the Indians of the Paraguayan Chaco: A Story of Missionary Work in South America” (GRUBB, 1904), com suporte de alguns documentos que evidenciam os esforços e cancelam a celebração de que Grubb conseguiu cumprir o seu desígnio. Esse desígnio não se refere apenas a fazer uma missão evangelística ou estabelecer as bases de um trabalho missionário, mas cumprir o que seria seu sonho dourado: tornar-se o “Livingston” da América do Sul! Dr. Livingston foi um proeminente missionário do braço africano da missão à qual Grubb foi ligado a maior parte da vida, tendo se tornado uma espécie de lenda entre os missionários britânicos pela obra pioneira em missões evangelísticas na África e por ter ficado perdido durante sete anos tentando encontrar a foz do rio Nilo.

Para contextualizar brevemente o uso da palavra “evangelística(s)” nesse texto, faz-se necessário situar um pouco do universo religioso do qual Grubb fazia parte. A compreensão de que seus escritos tem como pano de fundo sua missão e como grande objetivo prestar uma espécie de “relatório de trabalho” aos demais membros da missão à qual era ligado, faz-nos olhar mais atentamente as palavras e expressões que precisam ser compreendidas dentro desse universo tradutório que aponte para práticas religiosas que pertençam também a essa cosmovisão à qual o missionário estava ligado. Assim sendo, não poderíamos chamar as missões de “evangélicas”, embora numa perspectiva mais externa fosse um termo de fácil aceitação. Porém, o termo “evangélico/a” está em oposição a “protestante”, “pentecostal”, “neo-pentecostal”, entre outros, que são classificações de tipos intrínsecos de crenças e práticas de determinados grupos religiosos. Por ser Grubb um missionário anglicano, era protestante, de um grupo que nascera na primeira geração da reforma protestante e não um “evangélico”, embora esse termo seja usado ampla e pejorativamente para se referir a todos os grupos religiosos cristãos não católicos, especialmente no Brasil. Assim, o trabalho que desenvolvia era “evangelístico” por ter o objetivo de evangelizar os indígenas. Termo que pode ser encontrado no site principal do maior expoente americano desta prática na modernidade, reverendo Billy Graham, ao mostrar em seu título principal “Billy Graham Evangelistic Association” (BILLY GRAHAM EVANGELISTIC ASSOCIATION, 2022). Também encontrado no título principal do Centro de Treinamento para Plantadores de Igrejas, o CTPI

(STETZER, 2018), onde repetidas vezes encontramos referências ao trabalho Evangelístico, inclusive buscando descrever os “métodos evangelísticos” aplicados ao longo do tempo, referindo-se a Cruzadas Evangelísticas e Campanhas Evangelísticas. Para fechar esse bloco de contextualizações, citamos ainda o artigo “Salvando o Brasil: uma análise discursiva de campanhas evangelísticas da JMN” (BITENCOURT, 2015, p. 981), que faz uma análise dos discursos constituintes dessas campanhas em propagandas e publicações por parte da Junta de Missões Nacionais - JMN (órgão ligado à Convenção Batista Brasileira), e a dissertação de mestrado *Missões em Atos dos Apóstolos: do Pentecostes às propostas evangelísticas do Apóstolo Paulo* (CARDOSO, 2018), em que discute a proposta de expansão do Evangelho constante no livro de Atos dos Apóstolos, na Bíblia cristã. Todos esses escritos mostram como o universo protestante já há alguns anos e até hoje trata da expansão de sua fé como um ato evangelístico e não evangélico.

A questão da tradução de um mundo se impõe a todos os que se propõem a ler ou estudar os relatos de viagem, os testemunhos pessoais, os relatos que possuem algum tipo de traço etnográfico, porque são elementos fundantes de mundos pré-existentes, embora ignorados pelo velho continente. Ou seja, precisamos ter uma visão crítica a respeito da cosmovisão judaico-cristã-ocidental sob as bases do coletivo moderno-colonial, que busca desenvolvimento e expansão de si mesmo para outros lugares (des)conhecidos, onde se pressupõe existam pessoas ignorantes que precisam conhecer seu mundo, sua cultura, sua religiosidade, sua cosmovisão, sua língua(gem), etc. Isso, por si só, já trata de um mundo traduzido pelos olhos do viajante, do estrangeiro, do outro. Daquele que coisifica o que encontra no lugar de destino, no ponto final de viagem, descrevendo como vê e como entende, vendendo essa leitura, portanto essa tradução do que vê, como realidade única, monolítica, absoluta e verdadeira do (des)conhecido.

O trabalho de traduzir a “leitura” de mundo do escritor (que é, por si, uma tradução do mundo), reside em perguntarmos se “o objetivo de toda arte não é algo impossível? O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatutário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível?” (RÓNAI, 2012, p. 14). Esse questionamento e essa consideração de Rónai (2012) corroboram um pouco para a leitura que podemos fazer do diagrama de comunicação de Jakobson (BARROS, 2019, p. 27-8), falando sobre o emissor, a mensagem e o receptor, tão amplamente aprofundado com elementos que passam por sinapses neurais e interpretações em ideias, que virão a ser traduzidos intrinsecamente para língua e depois adaptadas ao meio semiótico para o qual será destinado, no nosso caso específico, o texto escrito. O que quer dizer que talvez mais

de uma dezena de processos tradutórios internos ocorreram antes de termos o texto como resultado da escrita.

Outra questão que nos toca é pensar sobre os aspectos da publicação em que podemos identificar o gênero da escrita e sobre as dificuldades que encontramos ao tentar fazê-lo. Por não termos formação ou aprofundamento específico no campo dos estudos da sociologia, área que tem maior tradição em desdobramentos de tipificação desse tipo de literatura, precisamos de algum apoio nessa direção e talvez ainda precisemos de mais aprofundamentos posteriores para melhor elucidação desse item. É certo que nem sempre é tão fácil definir com clareza o gênero de uma obra, especialmente quando estamos distantes do período de sua composição e dos sujeitos que tiveram influência e intenção sobre sua escrita.

Encontramos alguma dificuldade em tratar a obra plena e unicamente como um “relato de viagem” ou narrativa de viagem (travel writing), especialmente porque Grubb não tem as características evidentes, pelo menos a partir do que coletamos no interior dos seus próprios escritos e dos poucos escritos contemporâneos dele que o descrevem, de um explorador que se dedica à tarefa de descrever o mundo que observa e prescreta como quem está buscando descortinar o novo. Não parece estar no horizonte de Grubb produzir uma obra que seja algum tipo de propaganda da nova terra ou mesmo transformar em aventura os episódios ali vivenciados. Por outro lado, também não temos elementos suficientes para descrevermos apenas como um escrito missionário, como se o único propósito fosse tratar das questões diretamente ligadas ao caráter da ambiência puramente religiosa e evangelística das suas ações no Chaco. Há momentos marcantes na obra em que a geografia do lugar é descrita, os traços físicos dos indígenas, os elementos comparativos com as imagens que ele carregava consigo de outras literaturas indígenas, questões políticas entre os indígenas e o governo paraguaio. O fato de ser uma obra escrita também para impressionar os pares e os líderes da missão, a fim de receber o reconhecimento de que realizou um trabalho digno de ser destacado com o título de o “Livingston da América do Sul”! Enfim, temos dificuldades em situar a obra em apenas um tipo literário específico, mas uma obra que cumpre mais de uma função em sua escrita.

Finalmente, não podemos deixar de fora a discussão sobre o pano de fundo que arquiteta todos os acontecimentos descritos na obra e na experiência em si: a experiência religiosa. A missão religiosa de Grubb tem papel tão central nessa discussão, que chega a pautar a cronologia dos acontecimentos, o propósito da ida, da permanência e até do retorno da missão, a linguagem aplicada na descrição, os objetivos do relato, perpassando tudo o que ele desenvolveu e registrou. Portanto não é e não pode ser tratado como detalhe de menor peso.

É de posse desses elementos que passaremos a desenvolver a análise da obra em questão, objetivando traçar uma relação entre a tradução de mundo realizada por Grubb e sua cosmovisão religiosa, aplicadas ao seu relato entre os indígenas do Chaco paraguaio.

Os entrelaçamentos discursivos

O material usado para promover a discussão, conforme apresentado acima, é a publicação da obra *Among the Indians of The Paraguayan Chaco*, de Grubb, que foi conservada pela sua missão e, além da publicação original, encontrada em bancos de dados da missão online, conta também com uma publicação mais recente, parte de um projeto intitulado “Scholar Select”, em que muitas obras missionárias foram restauradas para que o público religioso tenha acesso. No caso das obras de Grubb encontradas, fizeram uma espécie de cópia das páginas da primeira publicação, conservando alguns elementos tipográficos dessa primeira edição. Perde um pouco da precisão de algumas imagens e até deixa outras marcas tipográficas e sombreamentos que, às vezes, apagam um pouco o texto, mas plenamente possível de realizar a leitura e visualizar as imagens registradas pelo próprio Grubb.

A partir disso, a ideia é pinçar porções do texto que está sendo traduzido para se associar à composição da tese de doutorado em que ora trabalhamos, com o propósito de apontar uma outra maneira de julgar a tradução identitária, partindo de uma perspectiva discursiva de tradução, como uma outra possibilidade de leitura da obra. Extraíndo esses excertos, vamos apontando algumas das questões religiosas que perpassam a obra e que, a nosso ver, dão o tom desse trilha religioso que moveu a tradução do mundo indígena do Chaco paraguaio feita por Grubb, e que agora buscamos (re)traduzir, (re)ler, (re)interpretar de forma analítica.

A intenção é subverter um pouco da ordem imaginativa fundante do lugar que é o outro lugar, o lugar visto e imaginado pelo viajante europeu que carregava consigo sua cosmovisão e propósitos religiosos, centrados na ordem judaico-cristã ocidental, assentada sobre o coletivo moderno-colonial. Como podemos exercer a leitura daquele que é lido? Estabelecemos assim que o nosso trabalho consiste em assumir um lugar de origem, uma perspectiva “daqui” mais do que “de lá”, para mostrar que também vemos o mundo que nos vê, lemos o mundo que nos lê, (re)traduzimos o mundo que nos traduz, num exercício de buscar as questões que nos são comuns, embora o Chaco paraguaio seja um lugar outro, que não amazônico, mas que sofreu processo similar de ser lido, descrito, traduzido, re-contado, re-significado.

A temática da (re)imaginação como prática de resistência tem sido bastante debatida por autores relevantes das Américas, entre elas, Ana Pizarro, que diz que a chamada América Latina, como imaginário e como discurso, precisa ser conhecida e enxergada.

A primeira e mais importante de todas é a certeza da necessidade de chamar a atenção para uma área geográfico-cultural que é pouco conhecida nos estudos da cultura do continente e que, no campo das ciências humanas e sociais, é conhecida sobretudo do ponto de vista antropológico. Seu desconhecimento disciplinar sobre o latinoamericanismo, por um lado, bem como a importância central do seu destino no contexto da crise ambiental que vivemos, por outro lado, tornam seu estudo e divulgação de fundamental importância.² (PIZARRO, 2014, 285, tradução nossa)

Nesse texto, Pizarro discute a necessidade de pensar a América Latina a partir dos discursos e dos imaginários que a constituíram ao longo dos tempos, contando aquilo que ela não é. Considerando o viés engajado da decolonialidade proposta por Catherine Walsh (2013) na obra *Pedagogías Decoloniales*, precisamos fazer esse exercício de buscar outros caminhos para entender, contar, ler e interpretar de dentro, ou nas palavras de Nenevé (2015), “imaginar de dentro”. E isso precisa ser feito por todos os povos não eurocêntricos sobre seu lugar nativo, tantas vezes violentado e tantas vezes lido, traduzido, imaginado, representado.

Como a proposta da decolonialidade parte de um engajamento por parte daqueles que sofreram as ações colonizadoras, por meio de uma ação prática que reflita algo mais do que o ato de des-colonizar, ou seja, rejeitar o que é colonial, mas buscar um caminho, uma maneira, que consiga a um só tempo rejeitar a colonização e resgatar o que se é em essência, a tarefa de produzir uma tradução decolonial busca um caminho entre a tradução como acesso à leitura de uma obra situada no tempo-espço, com todas as suas limitações, riquezas, problemas, etc., e uma apresentação crítica dos conteúdos intrínsecos que não apenas os naturalize como um dado inevitável porque está escrito.

Também é necessário apontar para caminhos para abrir um leque futuro de discussões sobre religião e religiosidade, espiritualidade e experiência transcendente. Pensar em religião, embora pareça tarefa simples, é ultrapassar o conceito clássico da origem etimológica da

² Cf. o texto fonte, “La primera y más importante de todas es la certeza de la necesidad de llamar la atención sobre un área geográfico-cultural que es escasamente conocida en los estudios de la cultura del continente y que, en el campo de las humanidades y las ciencias sociales, lo es sobre todo desde la mirada antropológica. Su desconocimiento disciplinario en el latinoamericanismo, por una parte, así como la importancia central que su destino tiene en el contexto de la crisis medioambiental que vivimos, por otra parte, hacen que su estudio y difusión tengan una importancia fundamental.”

palavra que indica o *religare* cristão do homem a Deus. Como as definições filosóficas de religião são basicamente ocidentais, é difícil pensar que Heráclito (500 a.C.), Xenófanes (500 a.C), Sócrates (450 a.C), Platão (400 a.C.), os apologistas dos primeiros séculos da era cristã, Holback, Kant, Hegel, Schleiermacher, Kierkegaard (CHAMPLIN, 2001, p. 638-9) e tantos outros que se debruçaram sobre conceituações sobre práticas e experiências que envolvem a fé, sobretudo cristã, estavam atentos às outras expressões de religiosidade que não estivessem contempladas no universo cristão. Por essa razão as ideias de Grubb sobre o que ele experienciou entre os indígenas estava sempre categorizado a partir do que ele mesmo entendia por religião, fé, experiência religiosa, sagrado, etc. Havia uma noção ética, moral, empírica, ritual, etc., que o fazia olhar para as experiências com as noções de espiritualidade indígenas e não as reconhecessem como de fato eram ou como os indígenas as reconheciam, mas como ele mesmo as classificava dentro de sua cosmovisão. Especialmente considerando que sua função ali era evangelizar, ensinar outra lógica religiosa, outras práticas, outras vivências, partindo do pressuposto de que as práticas que ele encontrara ali não estavam adequadas ao que ele viera ensinar.

A obra conta então com expressões interessantes que vão dando o tom da necessidade de uma tradução identitária crítica e discursiva nessa perspectiva de engajamento, com olhar crítico e a partir daqui. Começando pelo prefácio escrito pelo bispo Stirling, chamado de “The Right Rev.” no texto de Grubb ou “The Right Reverend”. Essa expressão mostra de maneira direta a necessidade de haver um mergulho no ambiente cultural cristão do autor para entender o que está sendo apresentado aos leitores. É nesse sentido que dizemos que a religiosidade de Grubb perpassa toda a obra e tudo o que ele fez no Chaco. Essa expressão é um título honorífico dado a pastores que assumem uma função de supervisão sobre uma área ou um grupo de pessoas, identificada com a expressão “episcopos”, oriunda do grego do Novo Testamento, que foi traduzida para o português como “bispo”. Uma ausência de imersão cultural na obra e na cultura religiosa do autor nos ajudam a entender como podemos promover uma tradução que não seja apenas linguística, para não correr o risco de “traduzir-desescrever” ao invés de “traduzir-escrever”, para usar uma expressão de Meschonnic (2010).

Na mesma página de apresentação temos a descrição de um conflito relevante ao falar sobre as titulações do Dr. Stirling: ele é chamado de “Primeiro Bispo das Ilhas Falkland”! Ao considerar a tradução como resultado de um labor que ultrapassa, em muito, a perspectiva linguística, precisamos pensar, necessariamente, em uma tradução que não dê continuidade à ambiência cultural eurocêntrica que já produziu, inicialmente, a obra em si. Não se trata de

reproduzir o discurso intrínseco, mas ter sobre ele uma visão crítica. Esse território geográfico, físico, sobre o qual o bispo Stirling foi nomeado supervisor, honraria que o fez digno de ser convidado para fazer o prefácio da obra de Grubb, é um território de disputa política até hoje, com forças britânicas e argentinas, que se revela inclusive na escolha/seleção do nome que o local leva: Falkland, para os britânicos, Malvinas para os argentinos! A seleção do nome Falkland revela uma escolha, ao mesmo tempo que uma ideologia, uma cosmovisão, uma perspectiva de guerra “vencida”, embora nunca tenha, de fato, sido terminada, como podemos perceber na guerra havida em 1982, quase 150 anos depois do controle britânico sobre o arquipélago. Embora seja fato que o Reino Unido estabeleceu o controle do arquipélago e que seus moradores sejam considerados cidadãos britânicos, também é fato que a querela política sobre o território, ao menos do ponto de vista moral, permanece e se revela na marcação política do nome Malvinas, mesmo que a Argentina não tenha tido condições bélico-militares para manter o domínio físico. Esse fragmento nos mostra mais uma vez como não é possível defender um conceito de tradução linear, do ponto de vista linguístico, que não envolva tensões e conflitos intrínsecos, que não mexa com o tradutor, com o resultado final da obra traduzida, com uma série de elementos, desde os técnicos, passando pelos intuitivos, alcançando os político-identitários.

Algumas expressões presentes no índice do livro, quando descrevendo os assuntos tratados no capítulo V, mostram uma perspectiva religiosa sobre a visão do missionário sobre os indígenas e suas crenças, sua lógica outra de mundo. “Crenças Indígenas”, “Ideia de Criação”, “Religião, uma Luta contra o Mal”, “Superstições”, “Possessão por Espíritos Malignos”, “Curandeiros”, entre outras expressões. O discurso que está sendo apresentado aqui é o de que a religiosidade indígena não é “positiva”, uma vez que são classificadas como “crenças” (Beliefs) e não como fé ou religião, termos que não teriam uma conotação mais negativa, ou um sentido que indica que não são “certas” ou “verdadeiras”.

A discussão do conceito de “Ideia de criação”, presente no índice, é outra maneira como o discurso intrínseco da religiosidade cristã eurocêntrica tornou o relato de Grubb um “apagamento” consciente ou não da religiosidade e da ideia de deidade construída historicamente pelos nativos. Por um lado, podemos dizer que a atitude de Grubb foi inconsciente por estar tão entranhado na cultura e na cosmovisão eurocêntrica de cristandade que não o permitiu perceber, de maneira “sinceramente equivocada”, a religiosidade indígena como um dado natural, mas como um equívoco, às vezes até infantilizada. Por outro lado, houve consciência no relato, entendendo que Grubb estava escrevendo para seus pares, pessoas que

tenham a sua fé e a sua cosmovisão, que entenderiam sua linguagem de maneira automática, mesmo que isso representasse um “atropelo” à religiosidade nativa. O que teria de errado com a Ideia de criação dos indígenas? Por que era necessário fazer um destaque sobre esse ponto? Porque ele explicaria muitos desdobramentos das atividades evangelísticas ocorridas ao longo do tempo no convívio com os indígenas.

Ao classificar a religião como uma luta contra o mal, Grubb estava, mais uma vez no nível do discurso, enfatizando os “problemas” que a religiosidade indígena apresentou aos seus olhos. Essa noção fica ainda mais explícita quando ele propõe uma discussão sobre as “Superstições” dos indígenas. Essa classificação, por si só, já é problemática. O que determina que uma expressão de fé é religião, outra é uma crença, outra é uma superstição? Sem dúvidas é o ponto de partida, as convicções e cosmovisão de quem olha e descreve, lê, traduz a expressão de fé do outro. Assim como o que determina a diferença entre uma língua e um dialeto são questões políticas, bélicas, supremacistas, posto que não há, no universo cotidiano dos falantes, uma distinção entre um sistema linguístico superior e um inferior quando se trata de natividade linguística. Portanto, não é quem fala que determina o que é uma língua e o que é um dialeto. São definições políticas, bélicas, impostas, conquistadas à força, que determinam o que receberá status de língua e o que receberá status de dialeto. Assim também, classificar como superstição a fé de outra pessoa é um ato de dominação. Como é característico do discurso colonial/imperial, dominação linguística, dominação cultural, dominação religiosa... São muitas dominações em um mesmo discurso. Lembramos mais uma vez que o exercício de traduzir um mundo, outro mundo, está definido, nesse caso, pela fé *a priori* que um missionário viajante tem e que (re)escreve a história do outro.

Possessão por espíritos malignos é uma das expressões “fundantes” da fé alheia pelo fato de partir de um pressuposto alicerçado no conceito de religião e religiosidade que Grubb carregava consigo. Define que a fé do outro é permeada por entidades espirituais que são, à luz da cosmovisão cristã ocidental, malignas, negativas, que devem ser rejeitadas, expulsas, retiradas. É uma expressão “fundante” porque expressa, imediatamente, um perfil de fé oposta à expressão religiosa que se apresenta como prática nativa entre os indígenas. Não há, da parte do missionário, em tempo algum, a pergunta ao nativo sobre como ele vê sua própria expressão de fé. É realmente negativa? Por evidente, nas culturas indígenas, os rituais religiosos e as relações com os espíritos são descritas, mormente, como positivas e não como negativas. Fazem parte de uma ligação dos indígenas com seus ancestrais ou com suas deidades e que tem por propósito, ao menos quando descritos, de uma ligação dos indígenas com entes que lhes querem

guiar, curar, ensinar. É necessário afirmar que também há relações dos indígenas com espíritos maus, que não fazem sempre o bem, ou com espíritos que possuem a complexidade de apresentar faces bondosas e faces maldosas. Assim como é complexo definir deidades que sejam masculinas ou femininas na mesma medida que a religiosidade cristã apresenta. Por exemplo, a imagem de Deus, na cristandade, é masculina. Há etnias em que a expressão máxima de deidade que detém o maior poder é feminina. Como lidar com isso nas reflexões sobre tradução de um universo de fé para outro? O ponto chave talvez seja pensar a partir da observação, leitura e aceitação de que o outro, o indígena, não é parte de outra “fé”, mas de outro “mundo” mesmo. Outra lógica existencialista que merece maior experienci-ação para poder haver dialogismo entre compreensões cosmológicas distintas.

A última expressão desse bloco é o título “Curandeiros” (ou mesmo “feiticeiros” - uma vez que a expressão usada por Grubb é “witch-doctors”). A expressão indica um médico-feiticeiro, ou um curandeiro. Talvez a expressão mais apropriada seria, dentro da cultura dos indígenas, Xamã. Essa expressão representaria melhor o que os indígenas que ocupam essa função dentro da sua cultura fazem e como são tratados/chamados pelos indígenas. Ao descrever como “witch-doctors”, o missionário coloca o conjunto de crenças do outro como algo negativo *a priori*. Essas pessoas exercem uma função de conhecimentos sobre plantas, espíritos, alimentos, comportamentos, etc., que pretendem trazer cura, livramento, benefício sobre as pessoas que recebem esse “serviço” dentro da comunidade, mas que também podem trazer julgamento, condenação, maldição, dependendo da etnia de que estamos tratando, exercendo papel, como já dissemos antes, complexo de ser entendido à luz da cultura cristã. Portanto descrever como algo conectado à noção cristã de bruxaria, não condiz com o que os indígenas associam a função retratada.

Mais uma vez fica bastante evidente que as incursões religiosas de Grubb como um missionário anglicano entre os indígenas do Chaco paraguaio afetou, de maneira indelével, o olhar dele sobre o que viu e viveu naquela região. Não podemos negar que Grubb fez um trabalho interessante ao conectar os indígenas da região e o governo paraguaio, tanto que alcançou do governo o título de “Pacificador dos Índios”, fato que está registrado até na revista *Nature* (1911). Mas também não podemos negar que ele definiu para o outro uma maneira de olhar para os indígenas do Chaco, retratando-os a partir de sua própria cosmovisão.

Conclusões

A região que Grubb foi enviado para desenvolver a missão evangelística tem contornos de culturas ameríndias que vão sendo, aos poucos, desveladas a nós pelos próprios nativos, depois de tantos anos, séculos em alguns casos, de serem sistematicamente descritos, caricaturados, apresentados ao mundo ocidental como o “mundo perdido” que foi encontrado e salvo por uma noção religiosa e cultural que os “salvou”, não apenas numa perspectiva religiosa, como é o caso do próprio livro em tela, mas também de seu “atraso” cultural. Isso fica claro em algumas expressões de Grubb sobre a surpresa que teve ao encontrar uma cidade estruturada, “moderna”, que tem inclusive bondinho, energia elétrica e outros “luxos” que ele não esperava encontrar lá.

A tradução de um mundo, o mundo do próprio Grubb ao olhar para os indígenas do Chaco, é o que precisa ser discutido por meio de uma tradução da obra, e é a esse labor que nos dedicamos. Talvez não possamos falar em outra episteme, como muitos aplicam, outra cultura, outra religiosidade, apenas, mas talvez devamos falar, inclusive ao fazer esse traduzir, sobre outro “mundo”, porque é disso que se trata, outro “mundo”!

Ao tratar a vida, as expressões culturais, religiosas, etc., como outro mundo, percebemos que a maneira como a abordagem foi inicialmente feita por Grubb, tentando encaixar o que via ao seu mundo, enxergá-lo com suas “lentes”, tornou-se insuficiente para descrever aquilo que via, que experimentava, que relatava. É por essa razão que não é possível apenas encaixar as lógicas outras do mundo indígena, dos mundos indígenas, das realidades outras que não a nossa. Vimos que a soma de 2+2 que Grubb fez, do ponto de vista religioso, não resultou em 4. Não é uma matemática linguística! Não é uma categoria única que dê conta de todas as experiências que se passam nas expressões, nos olhares, nas pinturas, nas vestimentas, nos rituais.

Talvez precisemos fazer sempre, e cada vez mais, uma “escavações literárias” no interior das traduções, para tentar discernir um discurso que precisa ser encontrado no interior dos discursos atravessados em um espaço-tempo cultural de ambiência judaico-cristã-ocidental do coletivo moderno-colonial, categorias que, mais uma vez, podem ser absolutamente insuficientes para dar conta de todo o conjunto de significados e sentidos que essas outras experiências podem prover. Talvez uma busca por outros saberes, para poder considerar todos os outros saberes e todas as outras formas de saberes e viveres que não nos passam, porque não somos desse ou daquele outro mundo.

Dentro desse espectro é que podemos também, questionar a experiência evangelística e evangelizadora do missionário, uma vez que não houve imersão de percepções, apenas imersão para transformação da realidade do outro em uma realidade mais “espelhada” à sua própria

vivência. Viver, como arte, função, propósito, não deveria ser “espelhar” o mundo interior no exterior, mas entender e aprender, significar e ressignificar o interior sempre, especialmente aprendendo com as experiências do exterior. A percepção de que existem mundos que não são os nossos, nos deviam fazer melhor observadores, aprendizes, deveriam nos levar a outras experienci-ação, querendo significar uma experiência que prescinde de uma ação que nos faça movimentar no sentido de conhecer e viver o que está do outro lado da linha, no mundo que não é nosso mundo.

Esses discursos cruzados nos colocam diante da necessidade de pensar e repensar todo escrito que foi construído sobre o outro, em qualquer parte do mundo, dos mundos. Devemos produzir outras falas, outros discursos, outras representações, de dentro, para desfazer anos de colonialidade da descrição linguística sobre nós e sobre o outro. Uma, duas, três, várias outras traduções que nos ajudem a entender os outros mundos, as outras ideias, as outras religiosidades, os outros rituais, a fim de que o mundo não seja um lugar monótono, no sentido etimológico, de ter uma nota só, mas de ser o que é e sempre foi, um mundo plural, plural de pessoas, plural de si mesmo.

A ideia não é apenas fazer uma leitura, mas fazer muitas outras leituras, para irmos resolvendo, historicamente, os problemas e conflitos que essa relação nativo/viajante/missionário vá sendo resolvida de maneira mais equilibrada, já que hoje está totalmente favorável para o colonizador, o outro, o europeu, o viajante, o missionário.

O exercício de ler, (re)ler, (re)traduzir autores como Grubb nos dão, ou melhor, nos devolvem, um pouco do direito de dizer o que somos sem ser ditos pelo outro. De tomar nas mãos a obra daquele que nos disse e dizer, do lugar onde estamos, de onde somos, que também lemos o que recebemos. Que temos uma cosmovisão que também vale a pena ser conhecida, discutida, avaliada, revisada, criticada, tanto quanto essas obras dizem de nós, entendendo todas as diferenças que o lugar onde estamos guarda de um lugar como o Chaco paraguaio.

A análise discursiva proposta, em nossa maneira de ver, deve refletir-se, finalmente, na tradução, nas traduções e nas leituras que forem feitas de obras semelhantes a essas. A questão não é deixar de traduzir e nem fazer uma versão, mas discutir, na tradução, os apagamentos, as superioridades culturais, étnicas, religiosas, etc., que estão presentes em obras semelhantes a essa, pensando em termos de estrutura ou, quem sabe, até semelhantes em sistemas ou métodos. Não podemos nos calar diante dessas construções históricas que entraram para a história como a única voz daqueles que nunca falaram em uma só página do livro. A experiência de fé de um missionário anglicano, nascido na Escócia, são todas as vozes que lemos nos livros da trilogia

de Grubb. Sentimos falta de ouvir as outras vozes que não foram ouvidas, mas que podem ainda ecoar dessas páginas, buscando remontar, ao menos em parte, aquilo que os nativos, que deveriam ser as principais vozes, deixaram de dizer por conta dos apagamentos discursivos, religiosos, culturais.

Referências

BARROS, Diana Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística**: I. Objetos teóricos. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

BILLY GRAHAM EVANGELISTICA ASSOCIATION. North Carolina, 2022. Disponível em: <https://billygraham.org>. Acesso em 30 de mai. de 2022.

BITENCOURT, Daiane Rodrigues de Oliveira. Salvando o Brasil: uma análise de campanhas evangelísticas da JMN. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44 (3): p. 981-990, set.-dez. 2015. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1031>. Acesso em: 30 de mai. de 2022.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 5. Ed. Vol. 5. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

CARDOSO, Anderson Carlos Gomes. **Missões em atos dos apóstolos**: do Pentecostes às propostas evangelísticas do Apóstolo Paulo. Orientadora: Profa. Dra. Lidice Meyer Pinto Ribeiro. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/25764/ANDERSON%20CARLOS%20GOMES%20CARDOSO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 de mai. de 2022.

GRUBB, Wilfred Barbrooke. **Among the Indians of the Paraguayan Chaco**: A Story of Missionary Work in South America. London: Charles Murray & CO., South American Missionary Society, 1904.

MESCHONNIC, Henri. **Traduire**: Écrire ou Désécrire. Trad. Claudia Borges de Faveri e Marie-Hélène Catherine Torres. In: Scientia Traductionis, n. 7, 2010.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia M. Gomes. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. (Orgs.). **Literaturas e Amazônias**: colonização e descolonização. Rio Branco: Nepan Editora, 2015.

PIZARRO, Ana, Amazonía: Imaginario e discurso. Lope de Aguirre. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de & ANTONACCI, Maria Antonieta (Orgs.). **Desde as Amazônias**: colóquios. Vol. 1. Rio Branco: Nepan Editora, 2014.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2012.

STETZER, Ed. **Centro de treinamento para plantadores de igrejas**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://ctpi.org.br/artigo-o-evangelismo-nunca-muda/>. Acesso em: 30 de mai. de 2022.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WILD Paraguay. **Nature**. No 2170, Vol. 86, 01 de jun. 1911. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/086451a0#citeas>. Acesso em: 22 de jun. de 2021.